

A idealização da mulher em Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago

Tatiana Emediato Corrêa

Resumo: A intenção específica deste trabalho é identificar e discutir os elementos presentes na construção do discurso sobre a mulher no romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago. Este trabalho busca delinear o discurso das personagens femininas, discutir a construção do sentido do texto e ainda especificar os mecanismos pelos quais podemos evidenciar a ideologia da mulher evocada pelo autor na construção do discurso das personagens femininas passando pela sua autoconsciência.

Palavras-chave: formações discursivas, mulher, dialogismo, representações.

Abstract: Le but de ce travail est d'identifier et de discuter les éléments présents dans l'oeuvre de José Saramago concernant la construction d'un discours sur le féminin. Nous cherchons à mettre en évidence dans le discours des personnages féminins du roman *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, certaines images de la femme, en montrant que les attitudes de ces personnages dénotent des figures ou des représentations sur les lieux d'inscription de la femme dans la société et, en ce faisant, le texte appelle le destinataire de l'œuvre littéraire à reconnaître ces images et à prendre position par rapport à ces "lieux de la femme".

Mots-clés: formations discursives, femme, dialogisme, représentations.

Introdução

Neste trabalho, a nossa proposta é estudar e discutir o papel da mulher em *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago. Estudar a figura da mulher nas obras de José Saramago tem nos despertado um verdadeiro interesse pelo discurso sobre o feminino, pois sabemos que hoje a mulher assume diversos papéis sociais e culturais dentro do mundo contemporâneo, mas continua sendo representada em vários discursos sociais de maneira conservadora, evocando, de certa forma, formações discursivas que impõem ainda à mulher certos lugares de inscrição social.

Estudos sobre o papel da mulher na sociedade geralmente são feitos por antropólogos, sociólogos, filósofos etc. Contudo, a questão já atinge diversas áreas de interesse, tal como a linguística e os estudos literários. Para Michelle Z. Rosado, tudo que desenrola na sociedade envolve de alguma forma a figura da mulher e afirma que

A fim de corrigir estes preconceitos, de alterar nossas concepções da mulher e de compreender suas origens, o que necessitamos são novas perspectivas. Hoje em dia parece razoável argumentar que o mundo social é a criação de ambos agentes masculinos e femininos e que toda compreensão plena da sociedade e qualquer programa viável para uma mudança social, terá de incorporar os objetivos, os pensamentos e as atividades do segundo sexo (Rosado, 1979, p.18).

O discurso sobre a mulher é objeto de estudos multidisciplinares e, no âmbito da literatura, vários trabalhos foram e são realizados. A literatura saramaguiana é antes de tudo uma reflexão sobre a vida, é uma literatura crítica do homem contemporâneo. Acreditamos que em *Ensaio Sobre a Cegueira*, além de fazer com que o seu leitor faça uma reflexão sobre o mundo e sobre a natureza humana, ele traz também para este ambiente da leitura a figura da mulher, através das ações das personagens femininas, suas falas e funções na narrativa e igualmente por meio de sua relação com as personagens masculinas, seja pelo modo como esses últimos as tratam, seja pelas representações que evocam através de seus comentários sobre a mulher. A idealização da mulher ocorre sob variados aspectos e não se limita a um “ideal” positivo de mulher, mas a ideologias circulantes no campo social e que, de certo

modo, surgem por meio de representações evocadas na trama narrativa: a mulher é detentora de um saber, de uma integridade e de uma moral e, bem mais que isso, é objeto de um certo saber sobre ela que termina por inscrevê-la em lugares que, em sua maioria, advêm do olhar masculino. Por isso percebemos a necessidade de buscar os valores empregados por Saramago no que diz respeito à posição e ao papel da mulher nesse romance através de algumas propostas teóricas. Assim, nos propomos demonstrar através do campo da análise do discurso e da análise literária quais são as estratégias utilizadas por este autor ao revelar a posição da figura da mulher em sua obra. Para isso analisamos como as personagens femininas comportam-se, como são caracterizadas, que funções desempenham na narrativa, que relações estabelecem com os homens e como estes as veem, as sentem, as situam.

A protagonista, bem como as demais personagens femininas de *Ensaio Sobre a Cegueira*, em diversas passagens do texto, assumem papéis centrais, funcionando como as verdadeiras condutoras da narrativa de Saramago, os papéis que, de modo geral, permitem à narrativa desenvolver. Por isso podemos afirmar que as personagens femininas deste romance são euforizadas pelo autor e possuem características fortes advindas da sua própria autoconsciência. Vejamos a passagem abaixo que ilustra essa afirmativa:

Então será preciso racionar os alimentos que vierem chegando, disse uma voz de mulher, Parece-me uma boa ideia, se quiserem falaremos amanhã, De acordo, disse a mulher. Já o médico se retirava quando ouviu a voz do homem que primeiro tinha falado, A saber quem é que manda aqui. Parou à espera de que alguém respondesse, fê-lo a mesma voz feminina, Se não nos organizarmos a sério, mandarão a fome e o medo, já é uma vergonha que não tenhamos ido com eles enterrar os mortos, Por que é que não os vai enterrar você, já que é tão esperta e tão sentenciosa, Sozinha não posso, mas estou pronta para ajudar (...) (SARAMAGO, 1995, p. 96).

Nossa base teórica passa pelas teorias bakhtinianas sobre o dialogismo e o discurso no romance. Buscamos também integrar alguns problemas de análise do discurso, sobretudo os que dizem respeito à heterogeneidade discursiva, ao conflito entre formações discursivas que, nesse caso, seriam representadas na obra de Saramago pelos comportamentos e atitudes de suas personagens. Encontramos subsídios no que se refere ao significado e à construção do sentido do texto nas propostas de Dominique Maingueneau. No que se refere à atuação da AD no âmbito dos estudos literários, achamos que elas podem se integrar bem aos problemas levantados por Bakhtin sobre o dialogismo, sobretudo na dimensão interpretativa com que toda leitura precisa trabalhar.

Sabemos que o homem transmite suas experiências através da linguagem e, ao transmiti-la, coloca nela um significado. Então nos perguntamos ao lermos Saramago: qual a linguagem por ele utilizada no discurso da mulher?; como o autor constrói o discurso das personagens femininas e qual o valor dialógico que essas formas de construção parecem denotar, ou seja, ao construí-las através de formas ora convergentes ora divergentes, a que enunciadores, ou pontos de vista, o autor parece fazer referência?; essas formas não denotariam a própria heterogeneidade dentro do texto, já que representam posições distintas sobre os lugares da mulher, possuindo, portanto, um valor simbólico que interpelaria o leitor e reclamaria uma certa cumplicidade dele?

Enxergamos uma escrita sobre a mulher um tanto que renovadora e protetora, cujo domínio nem sempre vem da personagem masculina. Propomos desdobrar o texto internamente, mostrando ao leitor do nosso presente trabalho uma leitura capaz de evidenciar alguns processos da construção da linguagem do discurso sobre a mulher em Saramago.

A linguagem do ser humano está carregada de sofrimentos internos, absorvidos da sociedade em que vivemos das quais nós mesmos construímos a partir de valores morais coletivos, cujo diálogo diferenciado evoca visões sobre o homem e sobre a mulher. Falar da obra deste escritor não é tarefa fácil, principalmente quando se pretende abordar um romance denso como é o caso de *Ensaio Sobre a Cegueira*. A partir de leituras do autor russo Mikhail Bakhtin, percebemos que o mundo transmite e o homem responde a esta transmissão da linguagem. Desse modo, o diálogo é estabelecido entre o “eu” e o “outro”, no que Bakhtin chama de processo dialógico ou dialogismo. Para ele,

No romance, realiza-se o reconhecimento de sua própria linguagem numa linguagem do outro, o reconhecimento de sua própria visão na visão de mundo do outro (BAKHTIN, 1993, p.164).

Situada dentro desse processo dialógico, a obra de Saramago nos apresenta um conjunto de figuras da mulher que encontra eco na sociedade e pode ser reconhecido e interpretado com pertinência pelo leitor. O modo como Saramago dispõe de suas personagens femininas, as constrói e as livra ao olhar do leitor expõe uma visão de mundo, ou alguns pontos de vista, reconhecíveis e não necessariamente correspondentes ao do próprio autor. Ele se serve desses pontos de vista, ou enunciadores, para construir a sua trama narrativa. O reconhecimento desses pontos de vista denotados pela forma de construção dessas

personagens femininas postula um leitor e o interpela a assumir um ponto de vista entre duas posições: uma, que faz corresponder a sua visão de mundo ao ponto de vista de um enunciador implícito, solidário à mulher e, portanto, crítico de uma posição denotada na construção saramaguiana (a da mulher submissa, por exemplo, entre outras). Essa figura é aquela que serve para descrever a mulher na personagem através de seus traços característicos e corresponderiam ao ponto de vista de um enunciador genérico e a esta figura se contrapõe uma outra, implícita, que emerge no horizonte de expectativas de um leitor que assume o ponto de vista de quem compreende o papel contemporâneo da mulher e rejeita a sua representação tradicional.

Discurso? Palavra? Até onde Saramago poderá se estender no processo da construção da personagem feminina? O que não podemos negar, pelo menos hoje ao analisarmos algumas sociedades, é que a mulher assume um papel privilegiado e vem deixando seus rastros pelos caminhos da sociedade assumindo papéis diversos que vão da liderança, da autoridade e do poder, ao da mãe e da mulher do lar e do espaço doméstico. Em Ensaio Sobre a Cegueira, a heroína guia os cegos, lidera a organização da narrativa e do espaço e tem muitas vezes a iniciativa e a palavra final. Ao mesmo tempo, ela ainda se responsabiliza pela organização doméstica, pelo alimento e pela satisfação do desejo masculino. Ela é guiada pela sua autoconsciência e, também, pelas circunstâncias do mundo a qual ela pertence e ainda precisa submeter-se a vontades masculinas, mesmo estando estes últimos cegos e impotentes. Esses lugares aparentemente contraditórios constituem o objeto privilegiado de nossa análise.

2 - Princípios da Análise do Discurso

Para Dominique Maingueneau, a Análise do Discurso traz sua contribuição às hermenêuticas contemporâneas e, como toda hermenêutica supõe que um sentido deve ser encontrado e que esse sentido está oculto, inacessível sem uma técnica adequada. A Análise do Discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação dominando o sentido do texto, mas apenas construir procedimentos que exponham o olhar-leitor sobre a ação estratégica de um sujeito. Busca, assim, construir interpretações sem jamais neutralizá-las em um discurso sobre o discurso, nem com pretensões universais. O núcleo duro da linguística estuda a língua no sentido saussuriano como uma rede de propriedades formais. A AD estuda a linguagem onde ela faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais e em conjunturas históricas.

Para os estudiosos em análise do discurso, a linguagem está marcada por uma dualidade radical: ela está atravessada por investimentos formais e por investimentos subjetivos e sociais. Não há discurso senão em decorrência de uma relação intrínseca entre um interior (as categorias da língua) e um exterior (a dimensão propriamente social que interpela os sujeitos).

Os objetos passíveis da AD correspondem às chamadas “formações discursivas”.

Esse termo define o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada e uma determinada conjuntura. Na superfície discursiva encontra-se um conjunto de enunciados atestados produzidos a partir de certa posição, mas também o sistema de restrições que permite especificar melhor a superfície discursiva. A AD, como afirma Maingueneau:

Esta raridade de enunciados, a forma lacunar e fragmentada do campo enunciativo, o fato de que poucas coisas podem ser ditas, explicam que os enunciados não são, como o ar que respiramos, de uma transparência infinita, mas coisas que se transmitem e se conservam, que têm um certo valor e que buscamos nos apropriar (MAINGUENEAU, 1997, p. 23).

Nessa perspectiva, não se trata de analisar um corpus tendo sido produzido por um sujeito, mas enquanto uma enunciação correlata de certa posição sócio-histórica na qual os enunciadadores surgem substituíveis.

A Análise do Discurso de linha francesa, corrente esta iniciada por volta dos anos 60, surgiu, como ressalta Maingueneau, da prática da explicação dos textos em escolas da França. Segundo o autor, esta disciplina exige uma leitura mais verdadeira do que a prática de interpretação textual usada anteriormente, buscando sempre de uma forma mais profunda a compreensão do texto como um objeto que transcende sua materialidade linguística ou seu conteúdo explícito. Em *Novas Tendências em Análise do Discurso*, Maingueneau introduz um breve comentário de Michel Pêcheux, sobre a prática acima citada:

A análise do discurso na França é, sobretudo, - e isto desde 1965, aproximadamente - assunto de linguistas (...), mas também de historiadores (...) e de alguns psicólogos (...). A referência às questões filosóficas e políticas, surgidas ao longo dos anos 60, constitui amplamente a base concreta, transdisciplinar de uma convergência (...) sobre a questão da construção de uma abordagem discursiva dos processos ideológicos (MAINGUENEAU, 1997, p.10)

E ainda,

a França é um país onde a literatura desempenha um grande papel, sendo possível questionar se a análise do discurso não seria uma maneira de substituir a explicação de textos como forma de exercício escolar (MAINGUENEAU, 1997, p.10).

Acreditamos que o “acasalamento” entre a Análise do Discurso e a literatura nos oferece grandes descobertas no campo da construção do sentido de um texto. Este pode nos conduzir a uma apreensão bem mais profunda do sentido dos textos literários, relacionando-o com as condições que possibilitam sua emergência, com as regulações que agem e normatizam a prática discursiva, com as representações de que o texto se faz suporte, enfim, com a problemática que envolve sujeitos numa relação intersubjetiva, ou seja, sua alteridade

Não podemos negar que a análise do discurso retira referências de outros campos de estudos, tais como a psicologia, a antropologia, a sociologia, como já dissemos. Portanto ela se vê frente a várias escolas diferentes, ou seja, busca integrar categorias advindas de diversos quadros teóricos. Contudo a Análise do Discurso é um estudo sobre a linguagem e suas formas de manifestação e deve, primeiramente, operar com textos produzidos dentro de uma certa dimensão institucional. Para Dominique Maingueneau, a Análise do Discurso, além de se apoiar nos conceitos e métodos da linguística, deve considerar que um texto é uma ocorrência que resulta de um

...quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação; nas quais se cristalizam conflitos históricos, sociais etc.; que delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado (MAINGUENEAU, 1997, p.13-14).

Mais do que analisar uma ocorrência isoladamente, o analista deve ter em vista que não é o texto o objeto da Análise do Discurso, mas um conjunto de textos constituindo um corpus representativo de certo padrão de comportamento discursivo, suas regularidades.

Percebemos então que um corpus é examinado considerando o relacionamento da enunciação com os seus enunciadores e a posição que ocupam dentro de uma dada situação de interlocução, uma formação discursiva ou ideológica. O sujeito não é visto como o criador da enunciação, pois ele reflete no seu discurso a ideologia do grupo ao qual pertence e que sua enunciação denota pelos pontos de vista que ele assume.

Se podemos dizer que uma enunciação tem sua origem nas formações discursivas que constituem seu território e suas condições de enunciação, o sujeito que resulta dessa hipótese não é mais um sujeito singular, mas um sujeito imerso numa alteridade constitutiva. Estas formações discursivas são construídas em um dado tempo e espaço, e ainda por uma dada sociedade, em determinado campo, seja social, econômico ou geográfico. Inscrevem-se, como ressaltava Maingueneau, em uma topografia (espaço), uma cronografia (temporalidade) e tem como fonte inspiradora o que ele chama de locução fundadora. Trata-se, para o autor de uma dêixis discursiva, que remete diretamente um discurso às suas condições de enunciação num nível específico, a do universo de sentido que constrói uma formação discursiva por sua enunciação.

Entende-se por dêixis fundadora as situações de enunciação anteriores cuja dêixis atual aparece como a repetição e da qual ela retira boa parte de sua legitimidade. Podemos distinguir, assim, a locução fundadora, a cronografia e a topografia fundadoras. Maingueneau evoca o problema da terminologia polissêmica de discurso e prefere recorrer ao conceito de formação discursiva:

(...) resta-nos resolver um problema delicado de terminologia. Em numerosos contextos a polissemia de discurso, termo utilizado com acepções distintas pelas teorias da enunciação e da AD, pode mostrar-se muito perturbadora. Assim, para referir sem equívoco o objeto da AD, preferiremos, sempre que parecer útil, recorrer ao conceito de formação discursiva. Emprestado como vimos da Arqueologia do Saber de Foucault, este termo define “que o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma alocução, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura determinada (MAINGUENEAU, 1997, p. 22).

Percebemos então que um discurso, segundo Maingueneau reflete e corresponde as suas formações discursivas. A construção do sentido do texto é o reflexo das formações discursivas que lhe impõem suas condições de possibilidade e modos de circulação na sociedade.

O discurso é marcado em superfície pela alteridade, mas também em outro nível, este mais amplo, a alteridade é constitutiva de todo o discurso. Essa dimensão é fundamental no desenvolvimento da análise do discurso e foi bastante discutida dentro do conceito de heterogeneidade discursiva. Sobre isso, Jacqueline Authier-Revuz propõe dois tipos de

heterogeneidade: a heterogeneidade mostrada, ou seja, marcada na superfície textual, e a heterogeneidade constitutiva, não marcada e que remete a própria identidade de uma formação discursiva. Com isso, busca-se evidenciar essa relação radical entre o interior e o exterior de um discurso que vem romper com a visão tradicional de unicidade do sujeito. No discurso não há um só sujeito, mas vários. A heterogeneidade mostrada repousa sobre as manifestações explícitas de uma diversidade de fontes de enunciação. A heterogeneidade constitutiva evidencia uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a AD pode definir formulando hipóteses sobre a constituição de uma formação discursiva através do interdiscurso, é um princípio de identidade de uma prática discursiva.

A enunciação permite expressar pontos de vista. Assim, um locutor pode colocar em cena em seu próprio enunciado posições diferentes da sua, assim como o autor de ficção pode colocar em cena personagens assumindo posições não correspondentes às suas, podendo, inclusive, construir toda uma orquestra de vozes conflitantes entre si, nenhuma necessariamente refletindo a sua própria posição e, desse conjunto divergente e desarmônico de vozes assumidas por diferentes personagens ele conseguir fazer ouvir uma outra, implícita, que corresponderia à sua própria posição, posição recuperada através da cumplicidade interpretativa que mantém com seu leitor ideal. Não é o próprio Bakhtin que afirma que uma das dimensões da polifonia é a dimensão interpretativa? Com efeito, foi Bakhtin quem primeiro pôs em dúvida a unicidade do sujeito falante, propondo a noção de dialogismo, que se manifesta de diversas formas no discurso romanesco, que ele estudou em particular. O autor vê a pluralidade de vozes em diferentes dimensões:

- pela representação da multiplicidade de idioletos: dialetos regionais, jargões profissionais, gírias diversas, etc.
- pela dimensão intertextual, ou seja, pela capacidade de um discurso de associar aos outros discursos sobre o mesmo tema;
- pela dimensão interpretativa, ou seja, pelo fato da compreensão ser dialética, condicionada pela resposta que ele condiciona;
- pela dimensão produtiva através dos diferentes modos de discurso relatado;

Assim, podemos compreender que o autor, mesmo quando não coloca em cena uma personagem específica enunciando um ponto de vista correlato ao seu próprio ou à sua própria intenção (por exemplo, a de propor uma moral para a história), deixa-se implicar por intermédio da dimensão interpretativa, ou seja, por aquilo que implica uma compreensão dialética prevista como uma possibilidade na relação que o leitor manterá com o texto durante a leitura, das conclusões que ele tirará da história assim constituída.

Interessamo-nos por esse problema da interpretação e de sua dimensão dialógica, problema que permite integrar as abordagens teóricas aqui mencionadas. Seja através de um percurso figurativo, seja através de um percurso temático ou pela própria natureza da trama narrativa, das diferentes personagens e das vozes e pontos de vista que elas sustentam dentro do fio discursivo, uma relação dialógica parece se tornar evidente entre o texto e seu leitor: como interpretar, que posições tomar, como avaliar as personagens a partir das características evidenciadas, a que conclusões chegar a partir da leitura de um mundo narrado que se apresenta como ficcional, mas que refere-se simbolicamente ao mundo social do qual fazem parte autor e leitor? Se uma lógica há na leitura ela parece estar inscrita na escritura, suposta, imaginada e idealizada na trama, propondo os modos de inscrição do leitor, levado a se posicionar, a reconhecer, a se tornar cúmplice, solidário ou crítico do que vê quando lê.

3 - A teoria bakhtiniana sobre o romance

Mikhail Bakhtin, pioneiro e criador do termo dialogismo, pode ser visto como um divisor de águas dentro da tradição da prática de análise de textos e, sem dúvida, um dos precursores da Análise do Discurso. Segundo ele, podemos dizer que todo texto é um objeto dialógico, composto por vários discursos e vozes. Dele fazem parte outros textos com os quais ele dialoga. Por isso acreditamos que a linguagem textual possui uma relação profunda com a sociedade e por ela passa as condições de produção do discurso. Todo discurso é atravessado pela heterogeneidade que o constitui.

Um discurso nasce através de algo já dito e se enuncia sempre de uma dada posição, constrói-se novamente a partir dos arquivos e interpela seu destinatário a ocupar também uma dada posição. Maingueneau, citado por Ingedore Villaça Koch (2003:60), afirma que o intertexto é um componente decisivo das condições de produção: “um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma

posição.” A análise do texto literário nos permite refletir sobre as relações construídas entre o “interior” e o “exterior” de um discurso, e qual seria a heterogeneidade presente dentro dele.

Uma das preocupações centrais de Bakhtin era com a variedade. Estudou a obra sobre o signo da pluralidade. Seus diversos trabalhos falam de linguagens diferentes, em sua maioria, seus escritos eram atos de erudição acadêmica e exercícios de teoria literária ou linguística, mas, por baixo, Bakhtin formou considerados manifestos pessoais, através de mensagens políticas ou filosóficas. Por tudo isso, diversas linhas de pesquisa são possíveis de ser realizados a partir dos trabalhos de Bakhtin. Um dos mais fiéis objetivos desse teórico era a compreensão dos fatores que tornam possível o diálogo e a interação entre os homens.

O termo elocução é usado por Bakhtin para designar a atividade capaz de compreender simultaneamente energias díspares, como, por exemplo, o emprego de uma determinada palavra em diversos contextos, obviamente com sentidos diferentes. Para ele, sua linguagem era movida pelas diversas linguagens previamente existentes já originadas de muitas camadas contextuais enraizadas nele pelas diversas intralinguagens e por diversos acontecimentos sociais que constitui na linguagem de um dado sistema cultural de uma sociedade. Entretanto, a ideia de significado deveria ser compartilhada com o outro.

Bakhtin, em Problemas da Poética de Dostoiévski, procura definir o romance polifônico, como aquele movido por diversas vozes ideológicas. O herói dostoiévskiano, por exemplo, é movido pela multiplicidade de vozes. Bakhtin percebe nesse estudo que as vozes dos heróis dostoiévskianos são plenas de valor e interagem com outras vozes com absoluta igualdade (idealização da personagem – talvez não aconteça sempre em EC devida a autoconsciência da personagem heroína):

O herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena e não como objeto da visão artística final do autor. Para a consciência dos críticos, o valor direto e pleno das palavras do herói desfaz o plano monológico e provoca resposta imediata, como se o herói não fosse objeto da palavra do autor mas veículo de sua própria palavra, dotado de valor e poder plenos (BAKHTIN, 2005, p.3).

Pensamos que as personagens, embora não explicitem suas posições ideológicas de forma direta, nem sejam comentados pelo autor e qualificados ideologicamente por ele, deixam perceber suas “visões de mundo” ou “ideologias” através da forma como agem e pelas

atitudes que tomam. A personagem feminina, por exemplo, detém seu discurso paralelamente ao discurso do autor. A voz do herói é plena e se compõe das diversas vozes de outros heróis. É importante notar que, no caso do romance Ensaio sobre a Cegueira, a personagem feminina central, denominada a mulher do médico, tem autonomia e se constrói como se não dependesse da palavra autoral, mas de si mesma, como um ser pleno que, independentemente do querer do autor deve sempre ser ela mesma, manter sua coerência, sua própria consciência. Por outro lado, as ações e dizeres da personagem vão pouco a pouco elaborando um ponto de vista, inscrevendo um lugar na trama, constituindo um enunciador que solicita reconhecimento e posicionamento.

O herói feminino, se podemos chamá-lo assim, ocupa por seu próprio dizer e fazer, um lugar de inscrição do feminino e, também, pelo lugar que os outros personagens masculinos postulam para ela, lugar do feminino que também solicita reconhecimento, cumplicidade e posicionamento. Nesse sentido, entendemos também que a figurativização pode surgir de passagens não descritivas, através de pontos de vista assumidos pelas personagens, pelo que diz tanto pelo que faz, pois essas atitudes servirão para qualificá-las e, portanto, figurativizá-las de um modo e não de outro.

Para existir uma relação bem definida, relação do eu com o outro, esta deve ser gerada dentro de uma performance coerente. Logo, a construção de um texto vem ao lado da experiência do homem, que a partir desta experiência constrói um self, que compreende no ser dentro de cada um de nós, da qual manifesta-se através do nosso ego. Para ele nós adquirimos nosso self através dos outros, pois sem os outros, não haveria a possibilidade do diálogo, então, não haveria o desenvolvimento de uma comunicação, ou ainda, não existiria uma construção da linguagem. Nós enxergamos o mundo através da visão dos outros e vamos construindo este mundo a partir das nossas experiências e vivências. Vejamos: começamos pelo eu, uma base de abertura, e chegamos até o outro, uma base que possibilita o complemento deste eu. E ainda para Bakhtin não existe uma ação isolada, visto que um ato depende do outro. E o eu do outro é considerado o segundo sujeito. Neste modo, cujo processo podemos chamar de dualista, sempre existirá a necessidade de dois em um mesmo plano de construção da linguagem. Para ele existe um emissor (aquele que transmite a fala) e o destinatário (aquele que recebe e reage de alguma forma). Para Bakhtin, “a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada igualmente por dois agentes.” (CLARK & HOLQUIST, 1998, p.41).

Bakhtin acredita que não há uma fusão completa entre o self e o outro. Se assim fosse, não existiria a possibilidade de diálogo. Existe sim um processo de criarmos nós mesmos a partir das nossas experiências de mundo. Eu, como ser falante, saio à procura desta criação e volto quando retiro dos outros tudo que para mim é proveitoso. Bakhtin afirma ainda que as formações discursivas são manifestadas em profundidade nos romances:

A orientação dialógica do discurso para os discursos de outrem (em todos os graus e de diversas maneiras) criou novas e substanciais possibilidades literárias para o discurso, deu-lhe a sua peculiar artisticidade em prova que encontra sua expressão mais completa e profunda no romance (BAKHTIN, 1993, p. 85).

A literatura contemporânea evidencia um emaranhado de pensamentos fragmentados já que nos encontramos em uma sociedade dissolvida pela ambição, disputa de poder e conscientização da individualidade exacerbada. O autor tem a capacidade de inserir em seu texto o reflexo do mundo. Para Álvaro Cardoso Gomes,

A consciência do autor, mediando as relações entre o mundo e o público leitor, testemunha um tempo que sofre mudanças contínuas e torna-se um intérprete dessas mesmas mudanças e um criador de possibilidades, para além daquilo que é meramente factual. O romance, portanto, acabará por manter relações extremamente ambíguas com a realidade: de certo ângulo, submete-se a ele, ao se transformar num espelho, num reflexo do histórico (GOMES, 1993, p.85)

A concepção de qualquer objeto, ou podemos ainda falar, tema, é levada para diversas discussões e defendidas ou não por uma formação discursiva.

A concepção de seu objeto, por parte do discurso, é um ato complexo: qualquer objeto “desacreditado” e “contestado” é aclarado por um lado, e, por outro, é obscurecido pelas opiniões sociais multidiscursivas e pelo discurso de outrem dirigido sobre ele. É neste jogo complexo de claro-escuro que penetra o discurso, impregnando-se dele, limitando suas próprias facetas semânticas e estilísticas. A concepção do objeto pelo discurso é complicada pela “interação ideológica” do objeto com os diversos momentos da sua conscientização e de seu desacreditamento sócio-verbal. A representação literária, a “imagem” do objeto, pode penetrar neste jogo dialógico de interações verbais que se encontram e se encadeiam nele; ela pode não abafá-las mas ao contrário, ativá-las e organizá-las (MAINGUENEAU, 1993, p.86-87).

Cada autor tem uma intenção: ele tem um objeto e em seu romance ele usa seu objeto através da elaboração de vários discursos e os contextualizam ali. Estes discursos são manifestados em torno do objeto e a dialética se transforma em um diálogo social. Concentra-se então uma combinação dos múltiplos discursos e vozes, interagindo e criando a própria voz do autor. E ainda para Bakhtin,

A intenção direta e espontânea do discurso na atmosfera do romance apresenta-se inadmissivelmente ingênua, e, em essência, impossível, pois sua própria ingenuidade, nas condições de romance autêntico, inevitavelmente adquire um caráter polêmico e interno, por conseguinte, também dialogizado (BAKHTIN, 1993, p. 87).

O texto é o objeto de significação e de comunicação. Toda sua obra tem uma visão do conjunto do texto. Bakhtin antecipou muito, em seus estudos, concepções da linguística atual, sobretudo nos estudos da enunciação. O enunciado é o objeto dos estudos da linguagem. Constrói-se uma relação dialógica entre o eu e o tu. Enfim, o sujeito possui várias vozes sociais, que dela fazem parte um sujeito histórico e ideológico. O sujeito não pode ser considerado o centro da interlocução. O sujeito está em um espaço criado entre o eu e o outro: dentro do texto que, em si mesmo, é heterogêneo. Dessa interação surgem os efeitos dos sentidos, construídos pela pluralização do discurso. Dentro de uma heterogeneidade que marca a identidade de um discurso, uma relação de polêmica se instaura entre diversas formações discursivas.

4 – Considerações Finais

Quando nos interessamos pela construção das personagens femininas em Saramago, isso significa, na verdade, três tipos de interesse: a) – o modo como essas personagens agem, falam e são apresentadas com certas características e não outras; b) – a que representações de mulher podemos associar essas formas de dizer, agir e ser; c) - que previsões sobre o leitor estão incluídas nessas representações de mulher, ou seja, que formas de reconhecimento e de crítica estão sendo eventualmente supostas na competência leitora sobre a caracterização das personagens femininas?

Esses três níveis de interesse associam-se a uma análise literária que busca essencialmente avaliar o processo dialógico em sua dimensão interpretativa que, por seu lado, está condicionada ao processo de produção do texto. A trama narrativa e o fio textual, com

seus diálogos, com seus modos de caracterização das personagens femininas interpelam o leitor a reconhecer os lugares de inscrição da mulher no texto, aceitar esses modos de inscrição, esses lugares do feminino, ou criticá-lo, reconhecimento e crítica sendo os traços previstos dos lugares da inscrição do leitor. Na verdade o artigo é um passo inicial de uma pesquisa que irá abranger vários aspectos revelando o discurso da mulher em EC.

4 – Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e de Estética. A Teoria do Romance. São Paulo: Editora Unesp, 3a edição, 1993.

_____. Problemas da poética de Dostoiévski. São Paulo: Forense Universitaria, 1997.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, R.S. Castelo Branco. A mulher escrita. Rio de Janeiro: Casa Maria, 1992.

BRANDÃO Ruth Silviano e CASTELLO BRANCO Lúcia. "Con-sederações em torno de um buraco" in Feminino e Literatura. Tempo Brasileiro. n. 101, abr./jun. 1990.

CLARK, Katerina & HOLQUIST, Michael. Mikhail Bakhtin. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

GOMES, Cardoso Álvaro, A voz itinerante. São Paulo: Edusp, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas Tendências em Análise do Discurso. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3a edição, 1997.

_____. Elementos de linguística para o texto literário. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Pragmática para o Discurso Literário. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Leitura e Crítica).